

SABERES E EXPERIÊNCIAS DE INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR¹

Ana Lúcia Aguiar Lopes Leandro-

Professora do Departamento de Educação

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Shirleyanne dos Santos Aquino-

Graduanda do Curso de Pedagogia

Faculdade de Educação

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Bolsista PIBIC/ CNPq.

Mifra Angélica Chaves da Costa-

Graduada do Curso de Pedagogia

Faculdade de Educação

RESUMO

Pretende aquecer o debate sobre a inclusão de surdos no universo acadêmico a partir do projeto PIBIC/ CNPQ², intitulado “A perspectiva (auto) biográfica: um retrato dos saberes e experiências da inclusão de alunos surdos na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte”³. Temos como objetivo a perspectiva de refletir sobre os saberes e experiências da inclusão de alunos surdos na UERN. Pretende alavancar uma discussão, a partir da trajetória desta pesquisa, bem como vislumbrar um caminho para a acessibilidade e permanência com qualidade dos discentes surdos. É uma pesquisa de cunho qualitativo com o uso da pesquisa (auto) biográfica e fundamentada em: Mantoan (2006); Lodi e Lacerda (2010); Skliar (2005), Passaggi (2008). Este trabalho pretende aquecer a comunidade acadêmica no caminho da reflexão sobre seu papel central no processo de inclusão de surdos como construtores da prática educativa.

PALAVRAS- CHAVE: Ensino Superior; Inclusão; Surdos, (auto) biografia

¹ Artigo que é continuidade das leituras, pesquisa e escrita do trabalho apresentado no evento intitulado 1º Seminário Potiguar sobre Inclusão e Diversidade promovido pelo Departamento de Apoio à Inclusão-DAIN

² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (instituição de fomento).

³ A referida pesquisa encontra-se em andamento.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre inclusão, de acordo, com Sasaki (1997, p. 17) “começou incipiente na segunda metade dos anos 80 nos países desenvolvidos. Tomou impulso na década de 90 também em países em desenvolvimento e vai se desenvolver fortemente nos primeiros 10 anos do século XXI envolvendo todos os países”.

Sabe-se que embora, muitas vezes, existam leis, encontros que debatem sobre a inclusão, as pessoas tenham conhecimento do que seja a inclusão, os avanços ainda são lentos, um pouco tímidos, práticas inibidas pela formação inicial. No entanto, essas inquietações, os dissensos, os juízos de valor diferenciados, aquecem o debate permitindo novas construções.

Mantoan (2006, p.20) citando Marsha Forest, chama atenção para o conceito de caleidoscópio ao dizer que: “O caleidoscópio precisa de todos os pedaços que o compõem. Quando se retiram pedaços dele, o desenho se torna menos complexo, menos rico (...)”.

Transportando para a discussão sobre inclusão, sobre quais são os sujeitos que a devem compor, sobre o conjunto de ações, partilha e compartilhamento é possível compreender que a inclusão abre espaço para, em coletivo, juntarmos esforços no sentido da conscientização de que é preciso não medir fôlego em torno de lutas e conquistas.

Agora, pensemos na inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior. É da mesma forma, ou seja, é necessário que seja garantida o direito e a qualidade para todos estarem compartilhando um mesmo ambiente de aprendizagem, os sabores e encantos, sobretudo na sala de aula, no diálogo entre surdos e ouvintes.

O diálogo profundo, cotidiano, sério, responsável, entre a cultura surda e a ouvinte é primordial para que barreiras sejam quebradas. A comunicação e o entendimento entre os plurais sujeitos são vias de construção de espaços inclusivos. O conhecimento e a aproximação das diferentes culturas permitem que a aprendizagem sobre o outro seja iniciada. Conhecer, escutar, narrar, buscar, ouvir com sensibilidade na perspectiva de ações conjuntas.

Adentrar na cultura do surdo e conhecer sua história, identidade e a sua primeira língua, a Língua de Sinais é fundamental para estabelecer laços, criar vínculos e perceber que são sujeitos com sonhos, vitórias, fracassos cujo potencial está ali para ser acentuado.

Este artigo partiu desse intuito de apresentar as vozes de discentes a partir de uma pesquisa de iniciação científica, PIBIC/UERN/CNPQ, acima referida, que coloca a comunidade surda da UERN como centro do entendimento. Através de suas (auto) biografias erguer uma trajetória de inclusão/exclusão e, ao mesmo tempo, permitir que os discursos construídos na interação entre os sujeitos da pesquisa sejam recurso para a ação.

Assim, este artigo surgiu a partir do projeto de iniciação científica PIBIC/CNPQ, intitulado “A perspectiva (auto) biográfica: um retrato dos saberes e experiências da inclusão de alunos surdos na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte”, cujo

objetivo, cabe repisar, é refletir sobre os saberes e experiências da inclusão de alunos surdos na UERN.

O interesse é apresentar o desenvolvimento da pesquisa deste o contato com alunos surdos em sala de aula, bem como o andamento da pesquisa.

O trabalho apresenta o trajeto da pesquisa, a questão da inclusão dos discentes surdos no ensino superior detalhando a proposta da pesquisa.

Dessa forma temos para o primeiro momento, uma apresentação como se deu a parceria entre inclusão e educação; a segunda discussão será sobre a História, identidade e comunidade dos povos surdos e para o terceiro debate temos a apresentação do projeto de iniciação científica.

A PARCERIA ENTRE INCLUSÃO E EDUCAÇÃO

Há uma longa caminhada da sociedade em torno das discussões sobre inclusão/exclusão. No passado eram as práticas de segregação de pessoas com deficiência em salas exclusivas para cada situação específicas. Instituições especializadas para cegos, para surdos, para as diversas deficiências. Estigmatizações, marcas, olhares “por cima”, visão sobre as impossibilidades.

A inclusão de alunos, com deficiência, em sala de aula, oportunizando o direito que lhe é assegurado, inclusive, na Declaração dos Direitos Humanos, significa não haver outro caminho a não ser aquele que melhor construa um outro cidadão.

O reconhecimento da necessidade de experienciar práticas pedagógicas de inclusão vem se dando por situações construídas no cotidiano da sala de aula, no entendimento que a formação é continuada, principalmente, que a educação está em todos os lugares.

Nos deparamos com nossos limites e resistências ao experienciar conviver com o que está em nossa frente, a saber, a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Nossos primeiros alunos surdos, na universidade, e dificuldades de comunicação entre os alunos surdos e os alunos ouvintes está nos impulsionando para buscas do ponto de vista das leituras, das trocas e da revisão de nossa formação. Por sua vez, os limites no relacionamento, as inquietações pela “atraso” dos conteúdos, os textos dos alunos com sudez, que apresentam outra estrutura gramatical própria, e as formas veladas de discriminação, suscitadas pela pouca ou quase nenhuma experiência pedagógica nessas situações, vem estabelecendo a prática da intervenção entre alunos e professores. Inclusão ou integração? Essa é uma discussão pertinente e que nos leva para a memória do passado dos processos educacionais, bem como o olhar da sociedade para a pessoa com deficiência.

Sassaki (1997, p. 17) apresenta o período em que a inclusão começou a nascer e foi se inserindo novos discursos e quebras de paradigmas antigos de homogeneização e de segregação.

O movimento de inclusão social começou incipiente na segunda metade dos anos 80 nos países mais desenvolvidos, tomou impulso na década de 90 também em países em desenvolvimento e vai se desenvolver fortemente nos primeiros 10 anos do século XXI envolvendo todos os países. (Sasaki,1997, p. 17)

A inclusão aconteceu, inicialmente, em países desenvolvidos como Estados Unidos, Canadá, Portugal e Itália, somente mais tarde que essas ideias são conhecidas em outras partes do mundo.

Com isso, houve encontros, reuniões com vários países do mundo inteiro para discutir propostas sobre a prática da inclusão, tendo como alguns dos momentos cruciais na defesa da inclusão: *Disabled Peoples International*- livreto Declaração de Princípios, 1981; Programa Mundial de Ação Relativo às Pessoas com Deficiência (1983), as Normas sobre a Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência (1994), Organização das Nações Unidas e Declaração de Salamanca (1994), da Unesco.

No Brasil, a discussão sobre inclusão foi contemplada na Constituição de 1988, nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), embora que saibamos que na prática essas leis ainda estão se dando forma.

Ainda segundo Sasaki (1997, p. 41) inclusão refere-se ao “processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”.

Entendemos que a inclusão é diferente da integração, pois a primeira tem a função de permitir que desde cedo todas as pessoas sejam inseridas na sociedade, e a segunda refere-se à própria pessoa com deficiência buscar meios, condições pra se inserir na sociedade.

Para que a inclusão realmente aconteça é fundamental não apenas esforço da pessoa com deficiência, mas que a sociedade se modifique e se prepare para receber todos, respeitando a singularidade e a limitação de cada um.

A inclusão de pessoas surdas é importante que exista na prática e para isso é preciso nos permitir em conhecer o outro, a sua história, identidade e cultura, a fim de estabelecer relações harmoniosas e de troca de saberes/ experiências entre essas culturas.

HISTÓRIA, IDENTIDADE E COMUNIDADE DOS POVOS SURDOS

Sabe-se que em tempos passados os surdos eram considerados pessoas que eram possuídas ou que não tinha capacidade de aprender, e por isso deviam ser excluídos da sociedade. Desse modo Veloso e Maia (2009) dizem que:

Na Grécia, os surdos eram considerados incapazes para o raciocínio, insensíveis e um incômodo para sociedade, por isto eram condenados à morte, lançados abaixo do topo de rochedos de Taygété. (VELOSO E MAIA, 2009, p.27)

No passado, os surdos por serem percebidos como incapazes eram proibidos de estudar e quando isso era permitido a criança tinha que aprender a falar, pois nas escolas para surdos entendiam-se que deveriam usar o método da oralização.

Embora, os surdos quisessem desenvolver a linguagem de sinais para estabelecer a comunicação, já que a fala estava longe do desejo de alguns, essa prática foi proibida nas escolas, permitindo apenas o método oral. Após anos as pessoas surdas começaram a aprender dentro do método oral-gestual iniciando assim o aprendizado em torno da Língua de Sinais e da oralização. Silva (2003) revela em seus estudos e discussões a cerca dos surdos e da sua língua de sinais que:

Nos últimos anos, com o uso dos sinais na educação do surdo, constata-se uma diferença no que a literatura apresenta e no que se observa. Os surdos conseguem adquirir uma competência na linguagem, principalmente pela Língua de Sinais, permitindo que eles tenham um desenvolvimento como os aspectos: linguísticos, emocionais, sociais e cognitivos. (SILVA, 2003, p. 96)

Os surdos apontam que a Língua de Sinais é uma maneira eficiente de comunicação e expressão e, sem dúvida, uma aquisição para a compreensão de mundo. Com a Língua de Sinais os surdos se podem interagir melhor nas suas trajetórias cotidianas, nas relações de amizade com seus colegas, na escola e, desse modo, vão adquirindo maior autonomia.

No Brasil, algumas vitórias forma conquistadas pelos povos surdos, segundo Veloso e Maia (2009) em 1987 foi fundada a Feneis-Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, no Rio de Janeiro, sendo construída com o objetivo de atender os surdos e fazê-los lutar pelos seus direitos.

O presidente Fernando Henrique Cardoso, decretou em 24 de abril de 2002, na lei nº 10.436 no seu artigo primeiro que “é reconhecida como meio legal de

comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados”.

É de direito os surdos possuírem intérpretes nas salas de aulas e outros espaços sociais; recursos didáticos que o auxiliem na sua língua (dicionários, jogos didáticos, por exemplos; recursos visuais, que ajudem na compreensão de informação; acesso a tecnologia, como internet, celular, campainhas, recursos vibratórios e outros.

Com essas ferramentas e a disponibilidade para se inserir no mundo do outro e ajudá-lo permitirá que o surdo seja incluído em qualquer lugar que ele frequente, dessa forma, ele se sentirá seguro, acolhido, independente e autônomo.

Dessa maneira, também acontece a inclusão quando o surdo pretender ingressar na universidade. É necessário que sejam dadas condições para que esse aluno obtenha bom desempenho, desde o momento da prova escrita, com auxílio de intérpretes e de recursos que possam facilitar a compreensão do aluno até o momento em que ele ingressa e permanece na academia.

Com a chegada de alunos surdos na universidade é necessário uma reorganização de sua estrutura física, da ampliação de recursos para seu atendimento, permanência e autonomia. A universidade deve buscar um outro olhar sobre a diversidade abrindo vias de superação de barreiras físicas, atitudinais e procedimentais.

A PESQUISA E A PERSPECTIVA (AUTO) BIOGRÁFICA DOS SUJEITOS SURDOS

A pesquisa intitulada “A perspectiva (auto) biográfica: um retrato dos saberes e experiências da inclusão de alunos surdos na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte” foi aprovada em julho e iniciada em agosto.

O projeto de iniciação científica foi pensado e organizado, a partir da preocupação com a inclusão. O despertar e a aproximação ao tema e aos alunos com deficiência foram através do contato cotidiano. Com os alunos surdos na sala de aula, em que desejávamos nos comunicar, ser amigo de sala. Leituras e encontros adicionaram motivação, determinação, vontade pela busca das trocas.

Para a melhor delinear o foco da pesquisa construímos um objetivo geral que indicou o desejo de refletir sobre os saberes e experiências da inclusão de alunos surdos na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Esse objetivo pretende conhecer de perto os alunos surdos da UERN, ações, lutas, sonhos, enfim histórias de vida que trilham no caminho da inclusão.

Outros objetivos foram elencados como:

- 1- Observar como ocorre o processo seletivo da UERN de alunos com surdez;
- 2 – Analisar as mudanças estruturais e atitudinais ocorridas na UERN;

3–Verificar como ocorre o processo de inclusão na sala de aula dos alunos surdos, quais são perspectivas dos alunos com surdez, como eles percebem sua aprendizagem, como está sendo garantida a sua permanência na universidade;

4- Verificar as ações do Departamento de Apoio à Inclusão (DAIN) quanto à permanência com qualidade do aluno surdo.

5- Perceber a contribuição do uso de LIBRAS e da intérprete no processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos no ensino superior.

Todos esses objetivos foram propostos com o interesse de saber o que modificou na organização física, estrutural, de recursos, e ainda de atendimento, na universidade com o ingresso dos alunos, saber o que está sendo oferecido para que os surdos possam se desenvolver plenamente e permanecer com qualidade e autonomia na universidade.

A pesquisa dispõe de procedimentos metodológicos que iniciam com participação dos alunos surdos do Curso de Pedagogia e outros cursos, Campis e Núcleos Avançados, professores e funcionários que mantem relação/ contato freqüentemente. Escutadas e narrativas de experiências de trajetórias acadêmicas serão construídas em rodas de conversa, em entrevistas de profundidade.

Para isso foram traçados alguns instrumentos metodológicos, a fim de erguer as narrativas e atingir os objetivos propostos inicialmente à pesquisa. Dessa forma, serão realizadas rodas de conversas com os discentes surdos sobre a sua entrada e permanência nos cursos da universidade; observações do cotidiano acadêmico dos alunos surdos, a partir do uso das narrativas, da metodologia da História Oral e das técnicas de entrevistas orais e de observação.

A pesquisa inicialmente está trilhando pelos campos teóricos, a fim de se apoderar melhor das discussões, questões sobre a diversidade, inclusão, surdez, história, cultura e identidade dos povos surdos e saber como tecer uma formação de professores comprometidos com a inclusão.

Dessa forma, leituras estão sendo realizadas, fichamentos e discussões sobre o lido estão se tornando prática. A certeza é a de conhecer melhor a cultura surda, a inclusão no ensino superior, as leis que amparam a inclusão e demais assuntos que são preliminares para o início de qualquer pesquisa.

A pesquisa propões uma discussão e reflexão sobre a atual situação da inclusão dos surdos no ensino superior, buscando perceber se essa mobilização é uma atividade conjunta, formada por funcionários, alunos, professores e pessoas do setor administrativo ou se essa sensibilização da inclusão ainda não é referência de todos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão é um caminho que todos que constituem a sociedade deveriam trilhar, apreciar, sentir e compartilhá-lo, pois vem enfrenta empecilhos, dúvidas, receios, inibições. No entanto, o vislumbrar do caminho é instigante, pois conhecer, ter contato e estabelecer vínculos com pessoas diferentes, e principalmente, com pessoas em situação de deficiência é uma oportunidade de ensinamentos e de aprendizagens.

Mantoan (2006) quando trata da necessidade de formar cidadãos agentes da inclusão, ensina que é preciso um projeto educacional inclusivo, que o exercício diário da cooperação e da fraternidade é dimensões centrais para o processo de ação, intervenção e mudanças. Ainda aponta que os conteúdos acadêmicos devem estar ligados a todos os alunos sem restringir suas habilidades de reflexão, de crítica e participação.

Para atingirmos uma educação inclusiva é fundamental que haja a união entre os valores estabelecidos nas relações dos sujeitos (alteridade, respeito, sensibilidade, cooperação) bem com os saberes construídos nessas relações (conhecimentos científicos e trocas de experiências).

Esse trabalho propõe aquecer junto aos educadores uma reflexão, um repensar sobre sua prática em sala de aula. Para os alunos ouvinte despertar o interesse de conhecimento sobre a cultura do outro e sobre sua própria cultura. A pesquisa quer acreditar em uma academia que respeite a cultura surda e sua língua que é a Língua Brasileira de Sinais. Com a mesma força atrair os sujeitos da academia para o pensar sobre sua formação continuada, sobre interrogar sua formação e sua prática.

Nosso desejo é de que esta pesquisa sirva de estímulo à aproximações, à estranhamentos da realidade, como um veículo de aprendizagens, de trocas, de recurso para ações inclusivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LODI, Ana Cláudia B.; LACERDA, Cristina B. F. de (organizadoras). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2 ed., 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Edler. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MOMBERGER, Christine Delory. Biografia, Corpo, Espaço. In: In: **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**/Maria da Conceição Passeggi (Org.)- Natal/RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 3 ed. 2005.

VELOSO, Éden; MAIA FILHO, Valdeci. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez.** Curitiba/ PB, Mãos Sinais, Vol. 1 e 2, 2009.

Inclusão: Revista de Educação Especial. v.1, n.1 (out/ 2005). Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.